

Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

2



Anna Paula Lombardi
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Anna Paula Lombardi

(Organizadora)

**Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas
2**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arqueologia das ciências humanas e sociais aplicadas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-050-6

DOI 10.22533/at.ed.506191601

1. Arquitetura e urbanismo. 2. Espaço urbano. 3. Patrimônio cultural. I. Lombardi, Anna Paula. II. Série.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” aborda uma série de livros de publicação da editora Atena. O volume 2, apresenta 24 capítulos sobre os aspectos relevantes do espaço urbano das cidades brasileiras apresentando uma diversidade de pressuposições. Os capítulos exibem a preocupação em relatar as particularidades de caráter social, econômico, político e cultural sob as diferentes perspectivas dos autores que disponibilizaram seus estudos nesta obra.

Os capítulos se dedicam a apresentar estudos atuais como as cidades inteligentes e o potencial para desenvolvimento urbano, o direito a cidade e a crise do capital, sustentabilidade nas cidades, as comunidades tradicionais e as suas distinções culturais no campo, representações sociais nas cidades e o Patrimônio histórico com significados normativos e sociais no espaço urbano.

Neste volume, os capítulos apresentam uma riqueza de detalhes e peculiaridades do espaço urbano e suas pressuposições. A importância desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância dos temas abordados.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SMART CITIES NO BRASIL - REALIDADE OU AINDA SONHO?	
<i>Patrícia Pacheco Alves de Oliveira</i>	
<i>Hugo Bona de Carvalho</i>	
<i>Beatriz Natália Guedes Alcoforado Aguiar</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916011	
CAPÍTULO 2	13
CITY MARKETING, TURISMO E IDENTIDADE: ENTRE A PERCEPÇÃO E A POTENCIALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DA VILA DE PARANAÍACABA	
<i>Fernanda Figueiredo D'Agostini</i>	
<i>Tania Cristina Bordon Miotto Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916012	
CAPÍTULO 3	24
O DIREITO À CIDADE NO PROJETO ORLA	
<i>Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares</i>	
<i>Sandra Helena Ribeiro Cruz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916013	
CAPÍTULO 4	37
A CRISE DO CAPITAL E A NEGAÇÃO DO DIREITO À CIDADE	
<i>Rayssa Bernardino de Lacerda</i>	
<i>Maria de Lourdes Soares</i>	
<i>Edna Tânia Ferreira da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916014	
CAPÍTULO 5	47
RELAÇÕES HUMANAS E SUSTENTABILIDADE SOCIAL: A REALIDADE DAS CIDADES	
<i>Elisangela Artmann Bortolini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916015	
CAPÍTULO 6	60
IMPACTOS TERRITORIAIS NA COMUNIDADE PESQUEIRA DE MANGUINHOS (SERRA/ES): UM ESTUDO DE CASO	
<i>Pauliane Gonçalves Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916016	
CAPÍTULO 7	84
PRODUZIR CONVENCIONALMENTE OU INOVAR? O MAPA DA ACEITAÇÃO: A SUBJETIVIDADE EM JOGO - ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO ANDER RODOLFO HENRIQUE DIAMANTE D'OESTE PARANÁ	
<i>Andre Luiz de Souza</i>	
<i>Miguel Ângelo Lazzaretti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5061916017	

CAPÍTULO 897

POVOS INDÍGENAS E COMUNIDADES TRADICIONAIS: SINGULARIDADE DA EXISTÊNCIA E CONFLITOS COM O AGRONEGÓCIO

Anatália Daiane de Oliveira Ramos
Cristiano Apolucena Cabral
Eva Emilia Freire do Nascimento Azevedo
Edson Caetano

DOI 10.22533/at.ed.5061916018

CAPÍTULO 9 109

MESSIANISMO E CANGAÇO DESVENDADOS EM VERSO E PROSA

Dora Vianna Vasconcellos

DOI 10.22533/at.ed.5061916019

CAPÍTULO 10 120

NOS RASTOS DA FEIRA INTERNA E EXTERNA

Thiago Oliveira da Silva
Anderson Przybyszewski Silva

DOI 10.22533/at.ed.50619160110

CAPÍTULO 11 129

DA ILHA A METRÓPOLE: PARTICULARIDADES E CONSEQUÊNCIAS DE UM PERCURSO CERCADO DE PERSPECTIVAS, DESILUSÕES E DISTINTAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Clícia Danielly Barbosa Alcântara
David das Neves Aires
Maria Lúcia Dias Gaspar Garcia

DOI 10.22533/at.ed.50619160111

CAPÍTULO 12 140

CONTRADIÇÕES DO ESPAÇO SOCIAL: ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES CONTRÁRIAS À MINERAÇÃO DE OURO EM PARACATU, MG

Luís Fernando Silva Andrade
André Luiz de Paiva
Valderí de Castro Alcântara
Flávia Luciana Naves Mafra

DOI 10.22533/at.ed.50619160112

CAPÍTULO 13 159

O CENÁRIO HABITACIONAL E SUA REPERCUSSÃO NA VIDA DO IDOSO BRASILEIRO

Eleusy Natália Miguel
Simone Caldas Tavares Mafra

DOI 10.22533/at.ed.50619160113

CAPÍTULO 14 170

A JUDICIALIZAÇÃO DA QUESTÃO AGRÁRIA: QUILOMBO BOA VIDA MATA CAVALO

Elen Carolina Martins
Marluce Aparecida Souza e Silva

DOI 10.22533/at.ed.50619160114

CAPÍTULO 15..... 185

ESTRATÉGIAS DE PESQUISA DOCUMENTAL EM RUAS COMERCIAIS DE INTERESSE HISTÓRICO: O CASO DA AVENIDA DUQUE DE CAXIAS EM LONDRINA-PR

Eloisa R. Ribeiro Rodrigues

Elisa Roberta Zanon

Letícia Cabrera

DOI 10.22533/at.ed.50619160115

CAPÍTULO 16..... 202

O MERCADO IMOBILIÁRIO COMO DOCUMENTO: O CASO DO APARTAMENTO CONTEMPORÂNEO DO SÉCULO XXI NA CIDADE DE SÃO PAULO

Gabriela Tiemi Minagawa Yokota

Sandra Regina Casagrande de Moraes

DOI 10.22533/at.ed.50619160116

CAPÍTULO 17 221

BOA ESPERANÇA ONTEM E HOJE: A EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE FURNAS.

João Paulo Chagas Maia Vilela

Mauro Santoro Campello

DOI 10.22533/at.ed.50619160117

CAPÍTULO 18..... 237

IMAGEM E ARQUITETURA: DIÁLOGOS ENTRE IDENTIDADE E MEMÓRIA SOCIAL NAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS EM PALMAS - TO

Thiago Henrique Omena

Bruna Coelho Alves Meneses

Estéfani Marx

Lourranny Parente Silva

DOI 10.22533/at.ed.50619160118

CAPÍTULO 19 253

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO FERROVIÁRIO: DOCUMENTO E INSTRUMENTO DA POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO

Claudiana Cruz dos Anjos

DOI 10.22533/at.ed.50619160119

CAPÍTULO 20 270

MOTIVOS PARA INVENTARIAR O INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL - 1942, NA CIDADE DE PELOTAS/RS

Lisiê Kremer Cabral

Ana Lúcia Costa de Oliveiras

DOI 10.22533/at.ed.50619160120

CAPÍTULO 21..... 282

A RESSIGNIFICAÇÃO SOCIAL DO USO DO ESPAÇO PÚBLICO REVITALIZADO

Ana Estela Vaz Xavier

Marina Xavier Carpena

DOI 10.22533/at.ed.50619160121

CAPÍTULO 22	297
O PATRIMÔNIO URBANO E ARQUITETÔNICO DA PEQUENA CIDADE DO OESTE PAULISTA: DA PERCEPÇÃO DO LUGAR PRATICADO AO PROJETO DE INTERVENÇÃO	
<i>Hélio Hirao</i>	
<i>Matheus Alcântara Silva Chaparim</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50619160122	
CAPÍTULO 23	308
AS FONTES DOCUMENTAIS PARA CONHECIMENTO E ENTENDIMENTO DA CIDADE: A LEITURA DA MORFOLOGIA URBANA DA RUA MARECHAL DEODORO ATRAVÉS DOS INSTRUMENTOS NORMATIVOS / LEGISLATIVOS - JUIZ DE FORA/MG	
<i>Daniel de Almeida Moratori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50619160123	
CAPÍTULO 24	321
A VERTICALIZAÇÃO E ESPRAIAMENTO HORIZONTAL COMO RESULTADO DA ATUAL CONFIGURAÇÃO URBANA DA CIDADE DE TERESINA-PI	
<i>Giesse Monteiro Alves de Andrade</i>	
<i>Gustavo Borges Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50619160124	
SOBRE A ORGANIZADORA	335

NOS RASTOS DA FEIRA INTERNA E EXTERNA

Thiago Oliveira da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea.
Cuiabá/MT.

Anderson Przybyszewski Silva

Sub Ten. da Polícia Militar de Mato Grosso (PMMT)
Cuiabá/MT.

RESUMO: As feiras fazem parte do cotidiano do brasileiro e seu espaço social é frequentemente criado em um lugar, espaço e tempo. Este artigo apresenta a feira do Jardim Imperial, na cidade de Cuiabá, no estado do Mato Grosso, o entorno de seu espaço, assim como seus significados. Essas facetas entrelaçam uma rede de interpretações sociológicas, uma vez que alguns condomínios fechados, próximos, criaram o hábito de ter sua própria feira, produzindo, assim, um desequilíbrio social baseado em uma perspectiva sociológica. Os principais aspectos da feira também são estudados para apreender de que maneira ela é vivenciada e consumida por seus transeuntes. A metodologia é orientada por abordagens sociológicas, entrevistas, conversas informais, além de abranger as subjetividades e interações sociais que podem ser problematizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Feira. Consumo.

Subjetividades. Transeuntes.

ABSTRACT: The fairs are part of the Brazilian's daily life and the its social space is frequently created in a place, space and time. This paper presents the fair of the Jardim Imperial, in the city of Cuiabá, in the state of Mato Grosso, the surroundings of its space, as well as, its meanings. These facets interlace a network of sociological interpretations, since some closed condominiums which are nearby, created the new habit of having their own fair, therefore, producing a social imbalance based on a sociological perspective. The main aspects of the fair are also studied in order to apprehend in what way it is experienced and consumed by its passersby. The methodology is guided by sociological approach, interviews, informal conversations, besides of covering the subjectivities and social interactions which may be problematized.

KEYWORDS: Fair; Consume; Subjectivities; Passersby.

1 | INTRODUÇÃO.

Todas as sextas-feiras acontece a feira livre na avenida principal do bairro Jardim Imperial, em Cuiabá/MT. Devido ao meu trilhar sociológico e ao meu *fazer nada* nessa feira, foi

possível explorar os caminhos entre a rotina e a ruptura da vida social desse evento.

Para que a realização da feira ocorra, por volta de 16 horas das sextas-feiras se inicia a transformação das atividades da avenida e começam a ser instaladas as primeiras barracas. Nessa fase, a avenida se torna heterogênea, pois no mesmo espaço social são aceitos: barracas, tráfego de veículos, clientes, feirantes, moradores e comércio.

Já por volta de 16h40min, de 3 a 4 cones são colocados em cada esquina da feira e instantaneamente o tráfego de veículos é bloqueado e irrompe o desequilíbrio social. PAIS (2002, p. 30) afirmou que:

No cotidiano nada se passa que fuja à ordem da rotina e da monotonia. Então o cotidiano seria o que no dia a dia se passa quando nada se parece passar. Mas só interrogando as modalidades através das quais se passa o cotidiano – modalidades que caracterizam ou representam a vida passante do cotidiano – nos damos conta de que é nos aspectos frívolos e anódinos da vida social, no nada de novo do cotidiano, que encontramos condições e possibilidades de resistência que alimentam a sua própria rotura.

Para o autor, a resistência é o propulsor do rompimento da vida social. Talvez seja por esse motivo que a resistência dos feirantes em não aceitar alterar a localização da feira tenha provocado uma onda de reclamações por parte da associação dos moradores.

Aqui é necessário um parêntese: em um raio de aproximadamente 5 km da feira se localizam seis condomínios fechados, dentre eles, três condomínios criaram a sua própria feira – fenômeno que denominei neste artigo de “a domesticação” da feira. Porém, este trabalho será composto da pesquisa na feira livre e em somente um dos condomínios dentre os que foram adeptos a criação da feira interna.

A criação da feira interna é um fenômeno sociológico. Segundo PAIS (2002, p. 52) a sociologia vê-se fortemente incitada a explorar o ponto de vista da desordem. Compartilho a ideia do autor tendo em vista que tudo o que se passa no cotidiano geralmente é rotineiro. Assim, a ideia de rotina é paralela com a de cotidianidade e manifesta o hábito de fazer as coisas sempre da mesma maneira, por recurso a práticas constantemente contrárias à inovação.

PAIS (2002, p. 30) ainda faz uma importante afirmação ao descrever as características do cotidiano:

É certo que, considerado o ponto de vista da sua regularidade, normatividade e repetitividade, o cotidiano manifesta-se como um campo de ritualidades. A rotina é, aliás, um elemento básico, das atividades sociais do dia a dia. Neste sentido, o conceito de rotinização reporta-se à prevalência de determinadas formas de conduta sustentadas por uma segurança ontológica, isto é, por uma confiança ou certeza de que a realidade é o que ela aparenta ser.

As rotas do cotidiano por mais banais e frívolas que sejam, são passíveis de problematização sociológica – assim, vai-se justamente em busca das margens do

cotidiano da feira e dos transeuntes e coloca-se no epicentro deste artigo. A criação da feira interna é tão banal para este pesquisador como um pacotinho de açúcar foi para PAIS (2009) na obra “Um dia Sou Turista na Minha Própria Cidade”.

Destaca-se, ainda, o modo como os indivíduos ou grupos consomem sociologicamente a feira livre e a feira interna que são criadas em determinado espaço, tempo e lugar. O consumo sociológico não se trata somente de aquisição, troca ou compra de produtos e serviços, e sim, do consumo pautado nas subjetividades dos indivíduos ou de grupos, dos quais cito como exemplo: consumo verde; fitness; gourmet; Instagram; Facebook; animal e outros, sendo que estes tipos foram elencados pelos discentes que foram meus colegas da disciplina Cotidiano e Atual do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea na Universidade Federal de Mato Grosso -

Segundo CERTEAU (1998, p. 41) existem mil maneiras de “fazer o cotidiano” e essas práticas são constituídas pelos usuários que se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural. Dessa maneira, a avenida se transforma em feira livre e o condomínio fechado se torna “aberto” para receber a feira interna e assim permitir a reapropriação do espaço antes exclusivo, reservado, seletivo. Ainda segundo o autor, são essas práticas que alteram o funcionamento do cotidiano constituído por uma multiplicidade de táticas articuladas sobre os detalhes do cotidiano.

2 | DAS REGRAS ÀS TRANSGRESSÕES DA FEIRA LIVRE.

A feira livre do bairro Jardim Imperial é ordenada por uma pessoa que recebeu essa atribuição há pouco tempo, tendo em vista o falecimento do seu pai. Conforme seu Markinho da barraca de Milho e Cural a feira possui regras que regulam e determinam os espaços que serão ocupados pelos feirantes – o termo feira livre talvez nos leve a uma interpretação equivocada de um local ausente de normas e regulamentos.

O espaço permitido para a criação da feira é limitado e somente são aceitos os feirantes que detêm o direito de ocupar aquele espaço pré-determinado e conseqüentemente estão submetidos às regras e a seus regulamentos. Entretanto, CERTEAU (1998) afirma que os indivíduos, ainda que se vejam enquadrados por regras, refletem, em suas condutas, trajetórias indeterminadas e heterogêneas, Assim, o indivíduo segue o caminho do seu próprio interesse de desejo que circula em um constante vai e vem transbordando e desviando-se das normas impostas pela lógica de qualquer sistema.

Em outro contexto, a dimensão da feira livre transbordou os limites do espaço social consumido despertando a atenção do setor bancário e sendo, também, alvo de políticas públicas.

No ano de 2013, a Prefeitura de Cuiabá utilizou do discurso de que as feiras livres precisariam ser regulamentadas, revitalizadas, organizadas e que oferecessem segurança. Os feirantes foram informados que deveriam fazer seu cadastramento para continuar a exercer a sua profissão – no bairro Poção a maioria dos feirantes foram cadastrados. Além disso, também foi fomentada a ideia de que a prefeitura garantiria infraestrutura as feiras livres da cidade.

Dentre as mudanças estruturais, a prefeitura tinha como planejamento próprio padronizar as barracas e uniformes, mas ainda bem que a prefeitura, como é de praxe, ficou somente no discurso, pois, se assim não fosse, chegar à feira livre seria como adentrar em um supermercado com funcionários uniformizados, barracas idênticas e talvez, por que não, com os preços pré-determinados e os produtos separados por gênero alimentício. Sociologicamente, se porventura fosse efetivada a alteração do *habitus* da feira livre, ela poderia se transformar em uma apresentação de fachada falsa, que dissimula, engana e trapaceia, sendo perceptível a discrepância entre as aparências alimentadas e a realidade (GOFFMAN, 2002).

Mas, afinal, quem detém o poder para regular a feira se ela é livre? A feira livre terá seu atendimento melhorado após se adaptar às normas do poder público? Quem são os feirantes? O setor bancário conhecido pela formalidade, pelos regulamentos e pela padronização está interessado na feira livre? Por fim, a feira livre é feita para quem?

3 | A CONSTITUIÇÃO E O CONSUMO DA FEIRA LIVRE.

Tendo em vista o meu fazer nada sociologicamente falando, estimo que a feira livre possui por volta de cinquenta a sessenta barracas no espaço destinado aos feirantes que possuem a permissão para ocupá-los. Entretanto, a feira livre não altera somente o espaço ocupado. Temos como exemplo o fato de que somente no dia de feira o estacionamento da igreja é cobrado e o preço é de cinco reais por automóvel. Além disso, antes do início da feira, as pessoas que não possuem direito de ocupar os locais destinados às barracas improvisam em seus carros, barracas pequenas ou usam o chão mesmo para vender produtos ou serviços, por exemplo, plantas, TV por assinatura, consórcio, título de capitalização, tapetes. Geralmente, esses vendedores não comparecem todas as sextas-feiras, como fazem os feirantes.

Por volta das 17 horas se inicia o congestionamento na avenida paralela à feira livre, o que causa um transtorno para os moradores da região sendo que o fluxo de carros duplica nos dias da feira, bem como o fluxo de pessoas que consomem a feira direta ou indiretamente.

A feira livre possui diversas opções para seus frequentadores: alguns levam as crianças para se divertir nos brinquedos, carrinhos elétricos, pula-pula, escorregador, carrossel; há um carrinho que vende peixe em frente da barraca de curau e milho,

logo adiante tem um músico, continuando você encontra a barraca de pastel e suco, o espetinho, o caldo de cana, roupas, CD, DVD, jogos para videogame, relógios. Assim, a estrutura física informal é uma das características que constituem a feira livre sem que o espaço seja ordenado por símbolos que segundo PAIS (2006) têm esse poder de estruturar a imaginação e proclamar ou emoldurar a desordem, assim como a ordem, invocando um excesso de significantes.

O consumo da feira livre não se resume somente aos transeuntes que buscam produtos e serviços nesse espaço social, pois o campo social transborda além dos limites das feiras, por exemplo, as distribuidoras de bebidas no dia de feira se tornam pontos de encontro e inúmeros jovens, ao longo da avenida, se reúnem para conversar e se divertir. Destaca-se que a reunião desses jovens em um ponto determinado da avenida ocorre somente as sextas-feiras como se a feira livre fosse um palco e os jovens os espectadores. Já na feira interna, por sua vez, não encontrei nenhuma reunião ou encontro similar, o que confirma o conceito de GOFFMAN (2002, p. 29) pelo qual podemos classificar a feira interna como uma fachada que de forma consciente ou inconsciente é empregado pelo indivíduo durante sua apresentação. Além disso, ainda segundo o autor, o cenário permanece na mesma posição, geograficamente falando, “exceto em casos excepcionais em que o cenário acompanha os atores, por exemplo, em enterro, paradas cívicas e nos cortejos irrealis de reis e rainhas”. Aprofundando-se nesse conceito percebo que as feiras internas criam um cenário de fachada com atores que são na maioria as mesmas pessoas e se tornam também espectadores. Assim, apesar da feira livre e a feira interna estarem próximas uma da outra geograficamente no bairro Jardim Imperial o deslocamento do cenário não acompanha o *habitus* social, o que confirma a afirmação de PAIS (2002, p. 34) de que as rotas do cotidiano não obedecem a uma lógica de demonstração, mas antes a uma lógica de descoberta na qual a realidade social se insinua, conjectura e indicia.

Assim, trazer à tona a feira livre é também falar sobre a vida cotidiana, sobre a qual PAIS (2002, p. 76) afirmou:

“a vida cotidiana não se constituiu num objeto único por qualquer sistema conceitual, teórico, coerente e próprio, apesar de ser essa imagem distorcida que é imposta, orientando reivindicações, atitudes e discursos. Em outro contexto, o cotidiano é um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam”.

Retornando para a pesquisa *in loco*, certo dia fui diretamente do trabalho para a feira livre no meu vadiar sociológico. Ao estacionar o carro na avenida paralela, comecei a observar um senhor de óculos escuros com uma agenda na mão andando lentamente e fazendo anotações. Então resolvi me aproximar e me identifiquei como pesquisador e ele prontamente aceitou em conversar informalmente. O Senhor Silva frequenta a feira livre há pouco mais de dois anos, ele adora tomar cerveja e fazer

novas amizades e contar e ouvir muitas histórias de vida. Ele me informou que sua filha e seu neto moram com ele há muitos anos e que devido à dificuldade da filha de encontrar emprego, ela está querendo produzir salgados e vendê-los na avenida nos dias de feira. Entretanto, Silval afirmou que ele gosta mesmo é de ir à feira para ver as pessoas, a movimentação e conversar. Acrescentou que geralmente seu neto é que vai à feira para comprar frutas e verduras – no dia em que o encontrei, ele tinha resolvido fazer uma pesquisa de preços para ajudar a filha a calcular o valor dos salgados.

Retomando a ideia do consumo da feira, como escrito anteriormente, este vai além da busca de produtos ou serviços e conhecer o senhor Silval me levou a várias reflexões sobre a encruzilhada de possibilidades que levam o indivíduo a ir para a feira livre, por exemplo, quando Silval afirmou “muitas vezes vou andar na feira”. Assim, PAIS (2002, p. 112) traz outra afirmação imprescindível para a compreensão da sociologia do cotidiano: “se são possíveis várias definições do cotidiano, é porque sobre o cotidiano é possível deitar vários olhares”.

Por outro lado, é importante também trazer à baila os contextos em que os indivíduos estão inseridos e conseqüentemente aparecem associados a normas que integram sistemas de representações sociais ou de significados compartilhados. Entende-se que a vida cotidiana e as normas são correlacionadas não sendo aspectos excludentes uma da outra, mas sim, complementares. Vejamos a análise de PAIS (2002, p. 132):

Por normas podemos entender as diversas maneiras de agir consolidadas pelo uso, pelos costumes. Tomada como tipo, uma norma não se reconhece apenas pelo seu uso habitual, mas pelo seu uso quase obrigatório. A vida cotidiana seria impossível se os indivíduos não deitassem mão de signos preestabelecidos, se não compartilhassem determinadas representações sociais, significados ou regras de comportamento. Se um indivíduo quiser fazer entender, não tem outro remédio senão socorrer-se do sistema da língua, da mesma forma que ao circular em uma cidade se vê obrigado a contar com as disposições das ruas.

Com base na afirmação acima e fazendo uma reflexão sociológica em relação à feira livre – imaginamos a feira livre com cada barraca oferecendo um tipo de produto ou serviço de uma cultura específica de uma região e ainda utilizando para a comunicação sua língua nativa. Ao desmembrar o contexto dos indivíduos como seria essa feira? Como desvendar o sentido de uma feira onde o contexto está separado dos seus indivíduos?

Assim, é necessário que as condutas comportamentais dos indivíduos seja, fluidas como as águas de um rio, mas é um fluir de normas, de representações sociais, e de significados compartilhados. Nas condutas da vida cotidiana o fluir também é a sociedade sob a forma de cultura interiorizada através dos mais diversificados processos de socialização (PAIS, 2002).

4 | A FEIRA INTERNA.

A priori, esclareço que o termo *feira interna* neste artigo se refere a uma ocupação do espaço social em que, devido ao fato de os condomínios fechados terem como característica serem fechados, restritos, seletivos buscam domesticar a feira livre para o seu domínio.

Nos rastros da feira interna é perceptível um espaço de fachada. Assim, emprestando a definição de PAIS (2002) os feirantes são atores colocados em um contexto em que não se associam com o espaço social ocupado. Talvez, em uma análise superficial, a criação da feira interna nos condomínios fechados tenha sido justificada pela ideia de que aquilo que é da rua pode vir a ser perigoso – o senso comum relaciona o estereótipo do perigo, da falta de segurança e da falta de higiene às ruas. Mas, porque o condomínio fechado busca domesticar a feira livre?

Resta esclarecer que a feira interna citada neste artigo é criada na frente da entrada principal de um condomínio fechado. Entretanto, em que pese estar do lado externo dos muros e das grades do condomínio, a rua em frente ao condomínio também é seu território, uma vez que o fluxo de carros e transeuntes nessa rua é geralmente de moradores ou visitantes para acessar o condomínio. Outro aspecto relevante é que a feira interna é acessível para qualquer indivíduo não sendo exclusiva para os moradores do condomínio – mas o que despertou a atenção foi o fato de que, nos trinta minutos que permaneci lá, fui o único que não era morador do condomínio. Na quinta-feira seguinte retornei à feira interna e fiquei atento novamente à trajetória das pessoas e percebi que o fluxo de pessoas ocorre em grande parte do condomínio para a feira e da feira para o condomínio. Fui, novamente, o único a percorrer o trajeto da avenida pública para a feira e vice-versa, no instante em que o fiz.

Assim, a criação da feira interna pode ser considerada um desvio que não é apenas tomado no sentido de interrupção e afastamento de um caminho mais tranquilo, mas será também no da renovação e reelaboração, tornadas possíveis pelo brusco desvio. A sociologia da vida cotidiana permite acessar os aspectos frívolos das interações sociais, segundo PAIS (2002, p. 48) “a sociologia da vida cotidiana é, sobretudo, uma sociologia dos lugares sociais da produção de sentido comum”.

Em relação à estrutura da feira interna, esta é constituída por duas barracas de frutas e verduras, um carrinho de suco natural e outro de caldo de cana e, às vezes, são colocados de dois a três brinquedos pequenos, por exemplo, pula-pula para as crianças. O fluxo de pessoas é em torno de dez a quinze pessoas nos minutos que estive lá com uma rotatividade muito pequena – em relação aos preços dos produtos tentei negociar várias vezes, mas o atendente falou que o preço é padrão. A feira que possui em sua essência justamente essa abertura para negociação, mais popularmente conhecida como pechincha, se mostrou, na feira interna, menos comum ou até mesmo inaceitável.

Por fim, fazer sociologia do cotidiano é desenvolver essa capacidade de “*flâneur*,

de passeante ocioso: daquele que passeia por entre a multidão, misturando-se nela, vagueando ao acaso, sem destino aparente, no fluxo e refluxo das massas de gente e acontecimentos”, PAIS (2002, p. 55).

5 | CONCLUSÃO.

A sociologia do cotidiano permite estudar todos os aspectos sociais dependendo do ângulo e do olhar lançado. A feira livre faz parte da nossa sociedade há muitos anos e a feira interna baseada no espaço, tempo e lugar desta pesquisa surgiu logo após a inauguração de vários condomínios fechados adjacentes ao bairro Jardim Imperial. Mas, será que a feira livre onde os corpos se misturam entre si, sejam eles advindos das ruas, de casas, do bairro, dos condomínios é perigoso? A feira interna é um fenômeno ou uma necessidade social? Quem são os transeuntes que percorrem essas feiras? Sociologicamente, tendo em vista a existência da feira livre, qual a necessidade que levou à criação da feira interna?

Ainda segundo PAIS (2009) no artigo Um Dia Sou Turista na Minha Própria Cidade, prestes a fazer um seminário na cidade de Braga, o autor resolveu tomar um café e refletir sobre o que diria na palestra, quando viu um pacote de açúcar com a seguinte inscrição “Um dia sou turista na minha própria cidade” e, a partir daí, iniciou a problematização sobre a luta contra o tempo dos indivíduos ou, ainda, segundo o autor, quando ouviu de um amigo o provérbio português “da Espanha nem bom vento nem bom casamento” e percebeu que o mesmo não trata de condições climáticas e sim de prestígio para o homem português com mulheres fiéis e dóceis da sua terra que, por outro lado, satisfazem e prestigiam-se à custa das perversas e tentadoras espanholas. Assim, a sociologia da vida cotidiana percorre becos, ruas paralelas, desvios e não estradas retas e sem fim, as margens são trazidas para o centro dos estudos sociológicos e não menosprezadas por mais afastadas que estejam.

Retornando para o objeto desta pesquisa, a feira livre e a feira interna possuem, cada uma, suas particularidades, mas não se pretendeu fazer uma comparação entre elas ou mesmo encontrar respostas que pudessem justificar a sua existência ou criação – talvez essas respostas sequer existam. Uma vez que, segundo PAIS (2002) é justamente nos aspectos frívolos e anódinos da vida social, que é possível encontrar possibilidades e condições que retroalimentam sua própria ruptura.

Assim, a feira livre é consumida por todo o seu entorno social seja ele os moradores, comerciantes, igrejas, transeuntes, viajantes, jovens, enquanto a feira interna é consumida pelas pessoas que geralmente percorrem somente um único caminho do condomínio para a feira e pelo mesmo caminho retornam para o condomínio. Já na feira livre, os indivíduos chegam e saem por todos os lados, em um infinito de becos e desvios que os trazem e levam.

Por sua vez, a feira interna em um dos condomínios fechados oferece o serviço de entrega na residência não sendo preciso sequer se deslocar até a feira interna podendo solicitar a encomenda por telefone. Mas, se a feira livre constituída nas ruas é perigosa porque domesticá-la?

Os indivíduos da feira interna ocupam uma região de fachada que, segundo as afirmações de GOFFMAN (2002) pode ser vista como um esforço para dar a aparência de que sua atividade nessa região mantém e incorpora certos padrões.

Por fim, a feira livre e a feira interna são espaços de riqueza sociológica, nelas é possível compreender categorias de consumo de serviços, produtos ou mesmo o consumo do espaço social produzido em um determinado espaço e tempo, fluxo de transeuntes, isto é, categorias que se baseiam em relacionamentos sociais que dão ao espaço das feiras uma dimensão simbólica.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

GOFFMAN, E. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis: Ed. Vozes 2002.

PAIS, J. M. **Sociologia da Vida Quotidiana**. Teoria, métodos e estudos de caso. Ed. Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

PAIS, J. M. **Um Dia Sou Turista na Minha Própria Cidade**. Cidades – Comunidades e Territórios. Jun/2009, nº 18, pp. 29-40.

PAIS, J. M. **Nos Rastos da Solidão**. Deambulações sociológicas. Porto: Ed. AMBAR, 2006 – 2ª Edição.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-050-6

